

VINÍCIUS GARCEZ COUTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a:

Universidade de Brasília- UnB

Decanato de Ensino de Graduação

Universidade Aberta do Brasil- UAB

Instituto de Artes- IDA

Departamento de Música

Curso de Licenciatura de Música à distância

Orientador(a): Prof. Fernanda de Assis Oliveira

**POR UMA AUDIÇÃO CONSCIENTE E CRÍTICA DO FORRÓ:
um estudo com alunos do ensino médio**

Orientador(a): Prof. Fernanda de Assis Oliveira

Examinador(a): Cristina Grossi

Examinador(a): Uliana Dias

Brasília, 05 de Dezembro de 2012.

Resumo: O presente artigo tem por objetivo investigar a desmistificação do forró a partir da escuta ativa e contextualizada. Nesse artigo busco analisar a mudança de apreciação musical dos alunos do ensino médio no Colégio Adonai de Anápolis em relação à escuta ativa do forró. A metodologia utilizada a pesquisa ação. Foram realizados uma oficina e recital didático. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram o questionário e a entrevista semi-estruturada. Os resultados indicam a reconfiguração da concepção dos docentes sobre o forró. Essa proposta buscou promover a esses jovens a compreensão desse estilo musical, além de imprimir-lhes uma escuta ativa desse estilo musical, e constituir o conhecimento crítico de sua identidade nacional enquanto estuda-se o forró. O artigo contribui para usar-se do recital didático tendo como base a música regional, popular, e formar o aluno enquanto cidadão brasileiro, conhecedor da história social da época e música de seu país.

Palavras-chave: Forró, escuta ativa, recital didático

Introdução

O forró nasceu e é eminentemente uma música do povo, passando por algumas fases criticadas como elitistas (forró universitário), como aponta em seu breve retrospecto histórico do forró a autora Rebelo (2007). Neste diapasão, trabalhar o recital didático requer trazer-se a diversidade profunda do estilo forró, desde os hits tão conhecidos e cantados pelos alunos como “Jumento Celestino” (Mamonas Assassinas), “Rindo à toa” (Falamansa), “Esperando na janela” (Gilberto Gil), “Você não vale nada mais eu gosto de você” (Aviões do Forró) até os clássicos erroneamente ditos “raízes”, porquanto também eram músicos influenciados por uma época, mídia, tradições inventadas (FERNANDES, 2004) como “Asa Branca” (Luiz Gonzaga), Xodó (Dominguinhos), e ainda possíveis rearranjos de forró que penetrem na cultura do lugar de atuação pedagógica como fizemos o rearranjo de “Como Zaqueu” (Regis Danese) no nosso recital didático ou ainda como no disco Baião Vira Mundo (RAMALHO, 2004). Toda essa diversidade é bem quista em um projeto de forró, porquanto apresente realmente a presença marcante desse estilo em boa parte da música brasileira e até internacional.

De fato, com Ramalho (2004) aprendemos que o forró é uma cultura viva e dinâmica, ainda presente de maneira marcante na nossa cultura musical. A autora concentra sua análise então no disco Baião de Viramundo: tributo a Luiz Gonzaga. Sustenta ainda que focar-se apenas as raízes de uma cultura é uma visão estática e puritana. A tradição pode ser atualizada por assim dizer em paráfrase. Ramalho (2004) a partir de sua análise ampla do disco escutado, o entende como símbolo de músicos e pessoas transculturais, nos termos de Ortiz, mestiços que trazem as marcas de suas fraturas culturais ao fazerem essas versões ousadas no tributo à Gonzaga, isto é, buscam a cultura tradicional e a comunicam com novas possibilidades e momentos histórico-musicais. O disco supracitado é exemplo notório da riqueza atual do gênero forró. A escola é

lugar propício para tal heterogeneidade dentro do forró, por isso trabalhamos a música gospel em rearranjo exemplificando quantas possibilidades são cabíveis no forró.

Crê-se na função social do professor em, contemplando a realidade do aluno, alçar-lhe a novos horizontes musicais e torná-lo um ouvinte crítico na sociedade. Daí a diretriz desse projeto. Deve-se atentar ao papel mediador importantíssimo do docente no processo educativo. O educador é a ponte entre o novo e o cotidiano e ele deve saber contextualizar e tornar a experiência dos alunos com o novo algo significativo.

Trabalhar o forró em sala de aula tem toda uma propensão para executar-se bem a comunicação ideal almejada entre o universo cotidiano do aluno e o ensino formal de música. Esse estilo nasceu da cultura popular, mesmo passando por elitismos, mas sempre conservou sua característica de ser do povo. Cabe então trazer a ideia de recital didático para dentro da escola com o subtema forró e transcender o também importante pensamento cotidiano do aluno sobre o assunto.

Tem-se uma espécie de finalidade social de mostrar ao ouvinte a riqueza do forró que fica transmutada em algo encarado como simples e para divertimento. Não obstante esse estilo ter na festa o seu gênese social, quer-se ampliar a escuta para não só no e de baile, mas ter-se consciência da sua riqueza. Quer-se, pois, descobrirem-se formas de conseguir essas audiências críticas, escutas ativas do ritmo em comento.

Entende-se que como um mito social pensar o forró apenas como um ritmo de dança, de festa. Esse esplêndido ritmo deve entrar nos teatros para ser escutado, apreciado, em oficinas para ser analisada a sua vasta harmonia, sua melodiosa melodia, etc.

O presente artigo resgata então o ouvinte passivo e apenas recreativo para alimentar-lhe de uma nova escuta do gênero forró, fazê-lo imergir criticamente na cultura regional, na execução, apreciação do forrobodó.

O projeto desenvolvido

Inseridos na disciplina de EPFC da Universidade Aberta do Brasil (UnB) no penúltimo semestre da faculdade, a partir da experiência que tivemos com as matérias de percussão, surgiu a ideia de trabalhar o forró em um recital didático, que foi proposto em forma de projeto para alunos do ensino médio para que realizássemos. Fizemos reuniões para dividir tarefas e delimitar o tema. Chegamos ao tema **Forró: De Gonzaga a Aviões do forró; Reformulações e atualidades nas práticas musicais dos adolescentes dentro do contexto escolar**, sob o qual nos debruçamos em grupo de quatro alunos e preparamos toda a fundamentação e atuação da nossa pesquisa-ação.

Com isso, a temática deste artigo veio como subtema do projeto que realizamos em grupo. Cada um de nós leu mais a respeito de um tema no momento de fundamentar-mos nossa atuação. Desta forma cada um se subdividiu em uma temática.

O presente artigo trabalha “**Por uma audição crítica e consciente do forró: um estudo com alunos do ensino médio**”. Basicamente surgiu tal propósito da paixão pela música e cultura popular que todas as leituras e vivências na academia e fora dela me proporcionaram.

Ir na Lapa no Rio de Janeiro em 2012 e contemplar o forró, o samba, estudar percussão popular em Perinópolis e Goiânia, frequentar oficinas, escutar, cantar e tocar muita MPB e sobretudo o forró é um ritmo que me acompanha desde de tenra idade. Porém sempre percebi que não se é dado o devido valor nessa modalidade de música, pensa-se tudo apenas como festa e entretenimento. Daí a ideia inovadora e pessoal deste artigo.

Percebe-se empiricamente e em uma perfunctória pesquisa bibliográfica que o forró é um ritmo riquíssimo que padece de ser apreciado como tal por naturalmente incitar de pronto evasão de emoções, libido, ou um simples entretenimento. A proposta aqui é trazer também essa característica de festa e dança, mas focar-se também no material sonoro tão rico.

Destarte, intenta-se que os alunos apreciem conscientemente o estilo, aprendam basicamente sobre a história do forró, sua técnica, seus instrumentos e timbres, executem, toquem e aprendam o básico de algum instrumento, componham algo. Múltiplas atividades à serviço da formação de uma plateia consciente.

Na revisão de literatura abordei temas como que discorre sobre a escuta ativa (AGUILAR, 2005; WUYTACK e PALHEIROS, 1995), aspectos de como trabalhar novos estilos musicais para os alunos, (LACERDA, s/d) sobre a coisificação radical, Amaral (2012) que trata da música popular como base para ensino formal de música (HOBSBAWM e WATERMAN, *apud* FERNANDES, 2004) sobre as tradições inventadas, (SANDRONI, 2001) sobre a rítmica do forró.

Diante disso, este artigo tem por objetivo investigar a desmistificação do forró a partir da escuta ativa e contextualizada.

Como objetivos específicos: Analisar as preferências musicais em relação ao forró; Proporcionar um recital didático que contemple a realidade musical dos alunos; Ampliar o repertório musical desses alunos; Promover um envolvimento direto com o fazer musical através de oficinas e palestras; Proporcionar o contato dos alunos com instrumentos característicos bem como as peculiaridades do gênero Forró; e, Analisar o conhecimento musical adquirido nas atividades aplicadas durante o projeto.

Fundamentação teórica

Conceitos que fundamentam o artigo:

O presente artigo tem por objetivo O presente artigo tem por objetivo investigar a desmistificação do forró a partir da escuta ativa e contextualizada.

Para fundamentar este trabalho usar-se-ão os conceitos de escuta ativa e coisificação radical.

A escuta ativa

Apreciar é uma atividade essencial ao aprendizado musical. Portanto pode-se falar em desmistificação do forró a partir do momento em que se preze pela escuta ativa desse estilo.

Os alunos devem, pois, não apenas *ouvir* passivamente a música como uma atividade secundária ou em função da dança por exemplo, mas *escutar* ativamente o evento por trás do som, bem como *entender* as propriedades características do forró para então *compreendê-lo* como linguagem dentro de um contexto histórico social, (AGUILAR, 2005). O professor precisa estimular o interesse dos alunos, levá-los a escutar consciente e ativamente o quanto possível, ainda que sob protesto e estranheza por parte deles ao novo estilo de música. (WUYTACK e PALHEIROS, 1995)

Com essa audição consciente, ativa, crítica acima salientada é que os alunos conseguiram perceber o forró como uma música além da dança. O forró é por vezes uma música de fundo, é música para se dançar apenas. Não é comum que as pessoas parem para escutar conscientemente o forró. Colocar-se um fone de ouvido para escutar apenas o forró é algo raro. Objetiva-se que os docentes apreciem, componham, improvisem, estudem a técnica, a literatura do forró no intento de tornarem-se uma plateia consciente, obterem uma escuta ativa do forró e não apenas o tratem como ritmo de entretenimento, evasão de libido, de emoções, não obstante tais realidades sejam inerentes ao forró enquanto festa popular.

A escuta ativa é algo que pode transformar a formação crítica do aluno porquanto os alunos se vêem cercados de informação para as quais não dedicam sua atenção. A indústria cultural lhes modela uma audição passiva e breve das músicas. A escuta consciente é algo estranho para eles, mas que lhes permite abrir a mente às possibilidades de interpretação e compreensão do fenômeno musical, social e humano sobre tudo na música.

Coisificação radical

O segundo conceito que fundamenta este artigo é o conceito de coisificação. É fato que a música popular e, sobretudo o forró sofre os efeitos da indústria cultural como o *kitsch*¹, isto é, a coisificação radical (LACERDA, s/d), isto é, pegar-se um trecho descontextualizado de uma música e banalizá-lo, torná-lo hit. Como por exemplo, a música Asa Branca² que se tornou um produto aos ouvintes de massa que não a escutam com a devida apreciação e reflexão consciente do todo da canção. Muitos sabem um trecho de sua letra ou ao menos seu riff³ muito conhecido que carrega o mixolídio bem aparente.

O forró carrega então um estigma de música de pobre, de “brega”, as pessoas ficam com apenas trechos lúdicos de músicas “hits”, coisificadas.

Entretanto, a escuta ativa mostra que o forró é uma música sofisticada. A música popular, em que pese sua coisificação e ainda sua presença maçante na memória coletiva, pode ser material para o ensino formal de música e garante a formação de compositores, intérpretes e instrumentistas de alto nível (AMARAL, 2012).

A coisificação é um fenômeno massificante da indústria cultural que faz da arte, da música um evento fugaz e secundário, ou apenas “ópio” (entretenimento) para o consumidor. Daí reconhecer tal fenômeno e estudá-lo para se criar estratégias que enfrentem essa realidade, lembrando a escola como centro de formação crítica do aluno.

Os docentes precisam se desvencilhar de uma audição passiva que banaliza a música e torna-a um hit consumível por poucas semanas. Necessário é trazer os *kistch* e “descoisificá-los” para os alunos, isto é, mostrar-lhe todo o contexto pelo qual passa música massificada.

Revisão

Amaral (2012) trabalha a necessidade e possibilidade de trabalhar o ensino formal de música no Brasil tendo como material didático a cultura popular. Revela, ainda, Amaral a erudição etnocêntrica e vazia da academia brasileira, das universidades.

Ainda na discussão pedagógica, a autora afirma quão transdisciplinar e coletivo pode ser o ensino dessa música da cultura brasileira. Termina exortando a comunidade educativa para usar e divulgar a cultura brasileira como base para o ensino de música e outras áreas. Daí quão

¹ Palavra criada por Adorno para designar o fenômeno da coisificação de música

² Música de Luiz Gonzaga

³ Parte da música que pode ser recortada como o solo melódico da sanfona no caso específico da canção Asa Branca

encaixe é ter o forró na escola atualmente, inclusive no centenário de Luiz Gonzaga e nos já 70 anos de forró no país.

Porém, quer-se um trabalho crítico que não sacralize cegamente os ícones do forró. De posse de Hobsbawm e Waterman, Fernandes (2004) sintetiza sua argumentação se referindo ao forró de Gonzaga e Jackson do Pandeiro como “tradições inventadas”.

Conclui Fernandes (2004) pela insuficiência de visões dualísticas para se estudar fenômenos culturais. Revela a autora que não se trata de ser “raiz” ou “moderno”. Está-se diante de algo plural, uma manifestação humana que merece um estudo menos elitista e mais profundo. Percebe-se claramente a intenção aqui no presente artigo de um trabalho parcimonioso do forró dentro da escola, não como uma imposição cultural, mas um estudo amplo e crítico. Ademais, fato é que quando estudamos o ritmo do forró, estuda-se a nossa identidade nacional (SANDRONI, 2001).

A corrente de estudo da música popular vem ganhando espaço na academia brasileira, antes tão enclausurada na cultura de música erudita. Desta forma, também a escola do Brasil, por reflexo, se abre a essa realidade. Este trabalho entra na esteira dessa mudança atual da cultura pedagógico musical do país.

Metodologia

Para atingir o objetivo geral proposto neste artigo, qual seja investigar a desmistificação do forró a partir da escuta ativa e contextualizada, a metodologia utilizada foi a pesquisa-ação. Desta forma, buscou-se compreender a escuta musical dos alunos e como transformá-la a partir de uma ação pedagógico-musical de formação de platéia. A pesquisa-ação é um modelo de investigação que preza pela relação direta do pesquisador e seu objeto de estudo (ENGEL, 2000), com uma intervenção planejada. Coletaram-se os dados com questionários (perguntas abertas e fechadas) e entrevistas semi-estruturadas.

Para desenvolver este projeto foi necessário estudar o perfil do público alvo; saber de seus conhecimentos musicais prévios e preferências para saber como que conteúdos poderiam somar-lhes os conhecimentos e se relacionar com o que já sabiam.

Assim as etapas foram desenvolvidas: fizemos um questionário diagnóstico com esse intento de descobrir nosso alvo como supracitado. Depois, elaboramos uma pesquisa bibliográfica sobre o conteúdo que apresentáramos, organizamos nossa ação e realizamos uma oficina e um recital didático.

Inserida na dinâmica de pesquisa-ação (Engel, 2000), pensou-se em instrumentos de coleta de dados que fossem eficazes. Destarte, para uma oficina e recital profícuos foi muito bem

vinda a utilização de questionários. A partir deles pode-se perceber a receptividade dos alunos, além de ser um meio simples e objetivo de se colher respostas, categorizá-las, contextualizar melhor a questão. Apesar de que questionário é difícil de elaborar de forma a estimular variedade de respostas, ser algo por vezes que não revele a opinião real, mas próxima do que o inquirido pensa. Nós aplicamos então três questionários auto-aplicáveis.

O primeiro foi o questionário diagnóstico (APÊNDICE A). Como já dito, esse questionário tinha a intenção de estudar, conhecer o público alvo, saber-lhe os conhecimentos prévios em música e sobre o conteúdo que queríamos lhes apresentar, além de também direcionar nossa ação pedagógica e musical, nossas estratégias para transformar aquela realidade, melhorar nossa escolha do repertório a ser trabalhado.

O segundo questionário (APÊNDICE B) foi aplicado logo após a oficina para avaliá-la. Houveram perguntas abertas e fechadas que objetivam colher as impressões e o envolvimento dos alunos.

Por último, aplicamos um terceiro questionário (APÊNDICE C) após a realização do recital didático. Nesse, nós perquirimos a absorção de conhecimentos musicais dos alunos através das atividades didáticas que nós propomos no recital, a receptividade para com os discentes, os materiais didáticos, o repertório, etc. Além disso, realizamos três entrevistas semi-estruturadas (APÊNDICE D) em que pudemos colher de forma mais próxima o que os alunos pensaram a respeito do trabalho que realizamos com eles na oficina e recital.

O diário de campo foi construído a partir de tanto impressões que obtivemos na realização da oficina, do recital e as escrevemos quanto da captação e edição de vídeos dos dois momentos principais de ação citados.

Em suma, realizamos questionários antes, durante e após o projeto, bem como entrevistas no final da realização do recital didático que foi exatamente no encerramento da nossa atuação na pesquisa-ação realizada na escola.

Participantes da pesquisa

Participaram desta pesquisa alunos do ensino médio do Colégio Adonai de Anápolis. Faixa etária entre 15 e 18 anos. São aproximadamente 80 docentes de uma escola conceituada no ensino evangélico na nossa cidade. Importante notar que nós visitamos e convidamos esses alunos antes da realização da oficina e do recital didático.

Organização, desenvolvimento e avaliação das oficinas

Antes da realização da oficina propriamente dita houve um momento prévio de conhecimento do projeto por parte da escola e dos participantes. Uma das integrantes do nosso grupo é professora na instituição em que realizaríamos o projeto. Ela então apresentou à direção a proposta do recital didático, oficina, materiais, objetivos e eles acolheram-nos de bom grado.

Nossa colega aplicou então o questionário prévio com os alunos participantes. Então passamos para um momento crucial, qual seja o convite. Nós nos reunimos na escola com zabumba, sanfona, triângulo e violão e encontramos os alunos participantes; tocamos Baião (Luiz Gonzaga), Como Zaqueu (Regis Danese) e explicamos a proposta da oficina, recital didático, agendamos um horário. Os alunos e a direção da escola se mostraram muito interessados na proposta, inclusive cantando e participando do momento do convite.

Com intuito da formação de platéia (HENTSCHKE E KRÜGER, 2003), nós então realizamos a oficina uma semana após o convite.

A oficina apesar de ter sido executada em grupo conservou momentos de atuação pedagógica individual. Soubemos, pois, conciliar, momentos em que agimos em grupo, em duplas e sozinhos.

Desde que fomos à escola avisar da oficina e do recital já percebemos grande recepção por parte dos alunos. E assim se fez.

Começamos a oficina tocando clássicos do forró raiz, levando os alunos a apreciarem o forró em um ambiente formal de ensino, nos preocupando, entretanto em manter a característica de festa do forró. Foi um momento celebrativo em que houve grande participação dos alunos cantando principalmente o rearranjo que fizemos da música “Como Zaqueu”.

Fizemos então uma breve explanação sobre os instrumentos característicos do forró e tentamos usar da maiêutica, bem como da informalidade léxica. Falamos em tom jovial sobre a zabumba, o triângulo, a sanfona, o violão, tendo a preocupação de fazer ligação com músicas do cotidiano deles, perguntando-lhes coisas, instigando-lhes a participar.

Então chega o momento da oficina propriamente dito. Separamos grupos de oficina de violão e de percussão. Eu e a colega Ana Paula ficamos com a turma da percussão.

Tivemos um trabalho excelente com os alunos, no final todos já conseguiam executar o baião, o xote, cantar, tocando zabumba, triângulo e/ou percussão corporal. A falta de instrumentos foi um grande empecilho para nossa oficina. Porém nós superamos essa barreira usufruindo da percussão corporal e revezando os instrumentos.

Houve no final então uma execução dos grupos de percussão e violão em conjunto. Todos cantaram e tocaram a música Asa Branca. Conseguimos até fazer naipes em suposta orquestra

popular de forró. Os violões tinham momentos de solo dentro do arranjo criado. Primeiro entravam os triângulos dando o andamento, depois eu coordenada a entrada das zabumbas e por fim os violões executavam a harmonia e inclusive “cantavam” a melodia também. Tal arranjo ficou bem didático porquanto os alunos percebiam e apreciavam cada instrumento em particular e em conjunto com o todo no final.

A audição dos alunos no começo e no final da oficina já era completamente outra. Os alunos tomaram posse de uma nova escuta do forró, de uma escuta consciente dos elementos desse gênero da música e cultura popular brasileira.

Percebe-se que com as oficinas, a prática de conjunto, a explicação sobre os instrumentos transcendiam a escuta do aluno de um nível apenas de entretenimento para a uma percepção mais aguda dos elementos do forró. Os alunos obviamente não se desvencilharam da louvável característica dançante e festeira do forró, mas eu os percebia compenetrados na execução do ritmo nas zabumbas, do triângulo, da atenção ao arranjo da execução de Asa Branca em que nosso colega Carlos regeu. Já não via mais ouvintes de massa, mas alunos, pessoas formando seus conhecimentos musicais e se tornando ouvintes diferentes.

Organização, desenvolvimento e avaliação do Recital didático

Para o recital nós também organizamos horário no salão da escola. Dessa vez convidamos uma clarinetista para participar. Começamos executando músicas para que eles pudessem apreciar e logo depois os convidamos para tocarem conosco.

A recepção dos alunos foi muito boa. Desta forma eles participaram de forma dinâmica do recital. Não só escutavam com atenção, mas aplaudiam, cantavam junto quando sabiam. E depois eles tocaram conosco, alguns dos alunos.

Pelos questionários percebe-se que os alunos conseguiram entender a mensagem sobre o forró e realmente escutaram ativamente. Alguns alunos que participaram da oficina tocaram conosco com uma execução muito boa.

Realmente conheceram a cultura do forró melhor, puderam escutar ativamente, perceber as características principais do xote e do baião. A audição foi crítica e comentada, os alunos ouviam direcionadamente os elementos da música.

Resultados e discussão dos dados coletados

Seguindo as linhas traçadas sobre os instrumentos de coleta de dados, os eixos temáticos da presente discussão de dados se dividem basicamente nos momentos anterior, durante e após a execução do projeto no Colégio Adonai.

Análise do questionário diagnóstico- vivências musicais

O questionário foi aplicado para adolescentes do 1º e 2º ano do ensino médio no dia 14 de junho de 2012, sendo 31 do sexo masculino e 27 do sexo feminino com idade entre 13 e 18 anos.

Deste questionário logo se percebe que não se tratava de um público tão inexperiente e leigo, porquanto 28 alunos disseram possuir a vivência musical de tocar, 14 participam do grupo musical de louvor, 19 tocam violão. Além disso colhe-se que os docentes já possuíam um conhecimento de artistas tanto atuais quanto clássicos do forró, 39 conheciam Luiz Gonzaga, 36 Aviões do forró para se ter uma ideia. Em contrapartida 21 declaram não ter participado de oficina, concerto ou apresentação musical. Percebe-se que se está diante de um ouvinte de massa, que não conhece bem o forró, que é vitimado pela massificação, coisificação da música (*kistch*) (LACERDA, s/d), isto é, que ouve trechos de forró em novelas, filmes mas que não pára para realmente escutar ativamente esse estilo.

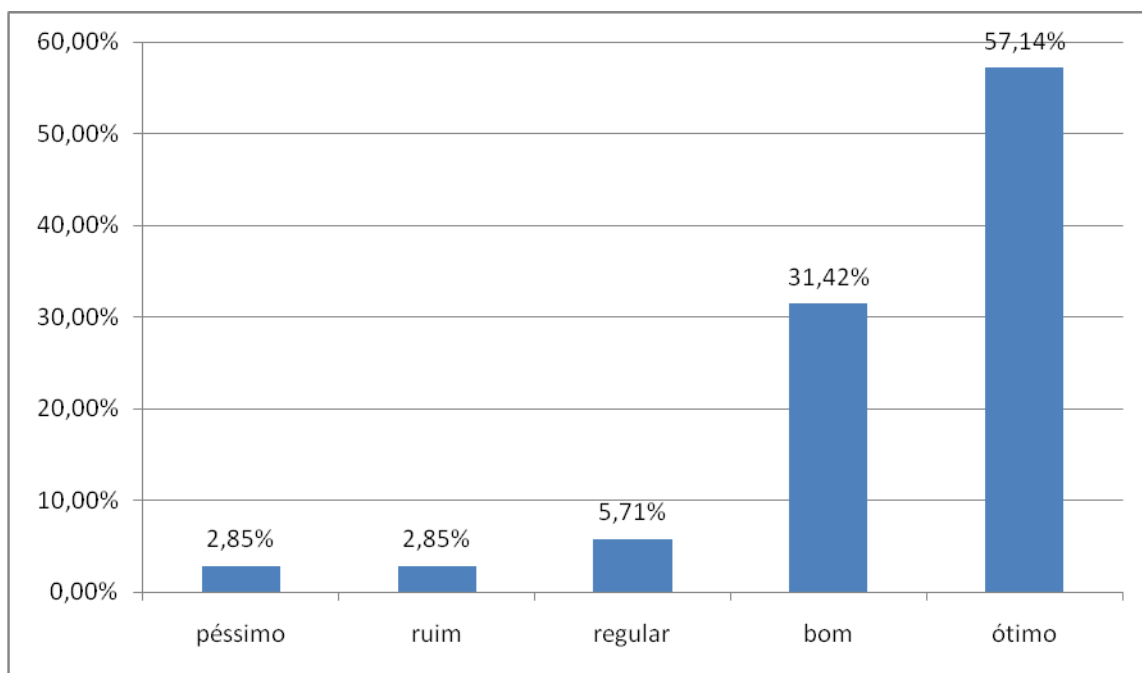
Apesar de ser, portanto um público bastante musical, na execução da oficina nós tentamos realizar a oficina e o recital como um conteúdo básico, simples no intuito de aguçar a curiosidade e dar uma base. Ainda assim houve dificuldade técnica, por exemplo na execução do triângulo, como se vê no vídeo da oficina (Apêndice E).

Análise do questionário sobre as Oficinas

Na oficina os alunos conseguiram realizar alguns desses objetivos. 54,28 % dos alunos consideraram ótimo o item “Quanto ao repertório, grau de conhecimento das músicas executadas e trabalhadas nas oficinas.” Ainda 57, 14% consideraram ótimo o item “Sobre o conteúdo que você vivenciou nas oficinas, como julga a contribuição para seu aprendizado musical.” Colhe-se que os alunos a partir da prática musical e das explanações dos professores, conseguiram captar quão rico e sofisticado é forró e assim já indicava Amaral (2012) que o forró pode ser base para formação aprofundada do músico, ser material para a sua formação.

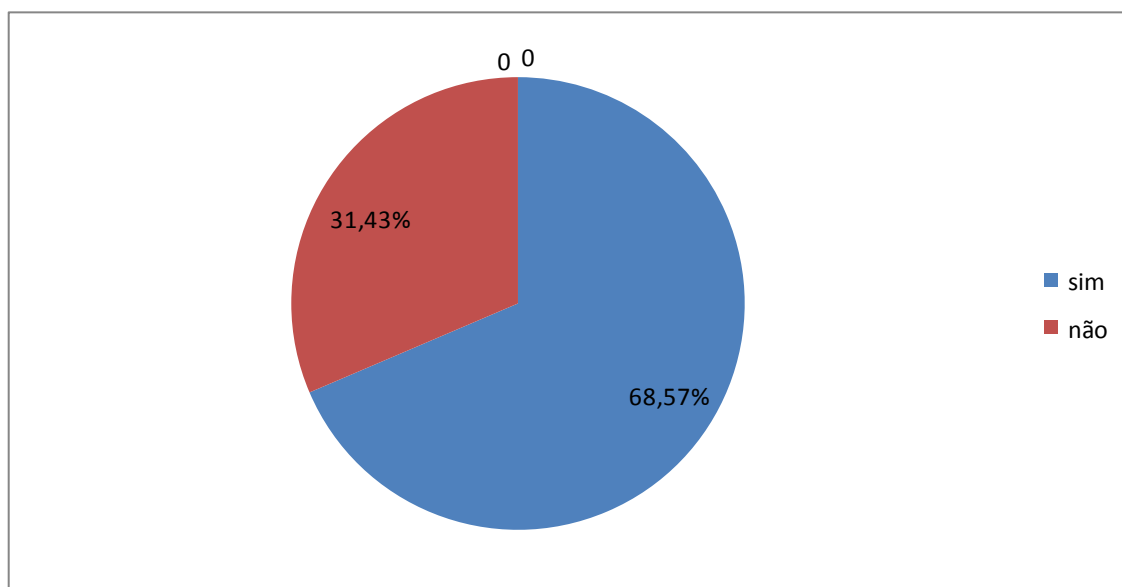
O que se interpreta da análise dos dados é a grande receptividade dos alunos ao repertório, aos professores e a novos conhecimentos musicais.

1. Sobre o conteúdo que você vivenciou nas oficinas, como julga a contribuição para seu aprendizado musical.



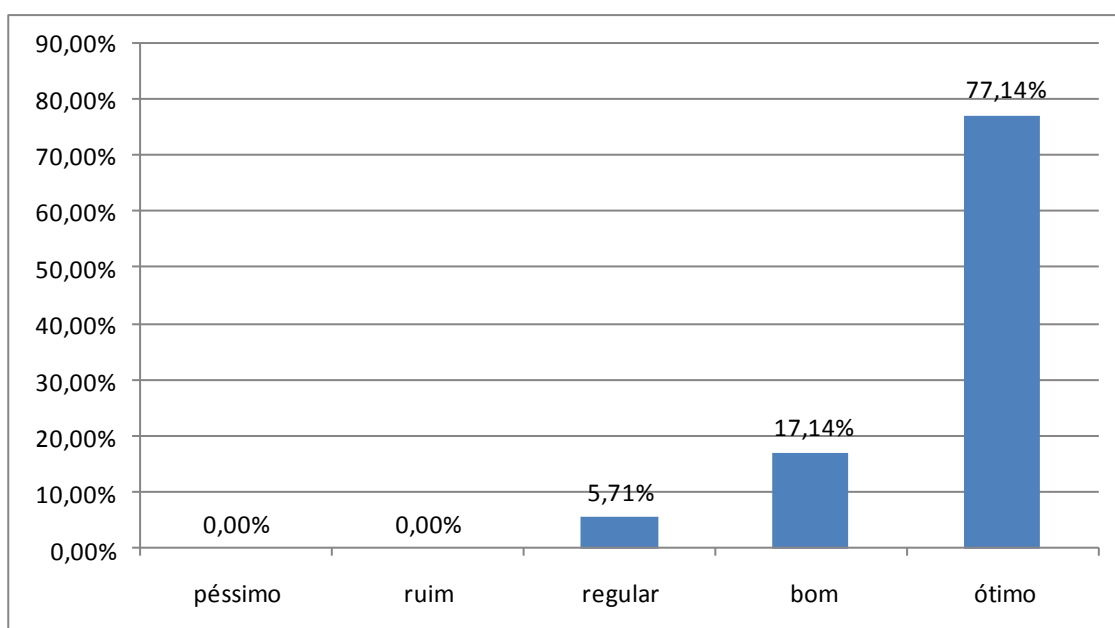
Pelo gráfico acima, temos um saldo de 57,14% dos alunos considerando importante o novo conhecimento musical. Pode-se cruzar tal dado com o fato de que no gráfico abaixo perceber-se que 68,57% dos alunos já havia tocado algum instrumento.

2. Como avalia sua participação nas etapas de improvisação durante as oficinas.

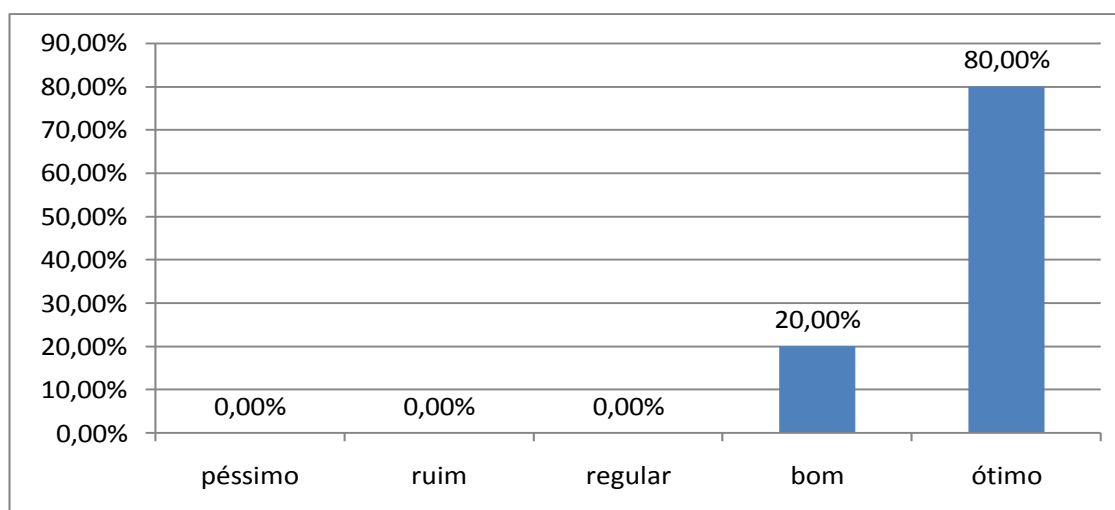


Desta forma, entende-se que os docentes mesmo já conhecendo os instrumentos, repertório, se interessaram pelo método como lhes foi ensinado o forró e, sobretudo foram abertos ao conhecimento musical. Nós fizemos questão de trabalhar de forma próxima, contemplando a realidade dos alunos que colhemos a partir do questionário diagnóstico. Tentamos, pois, agir de forma alunocêntrica (SACRISTÁN, *apud* MARQUES, 2006), tendo a experiência do aluno e suas preferências como centro da atuação pedagógica. Ficou bem claro que os alunos conheciam já haviam tido contato com o forró através da mídia, festas, etc.

4-De forma geral, como você avalia a oficina.



5- Como você avalia o desempenho dos professores durante as oficinas.

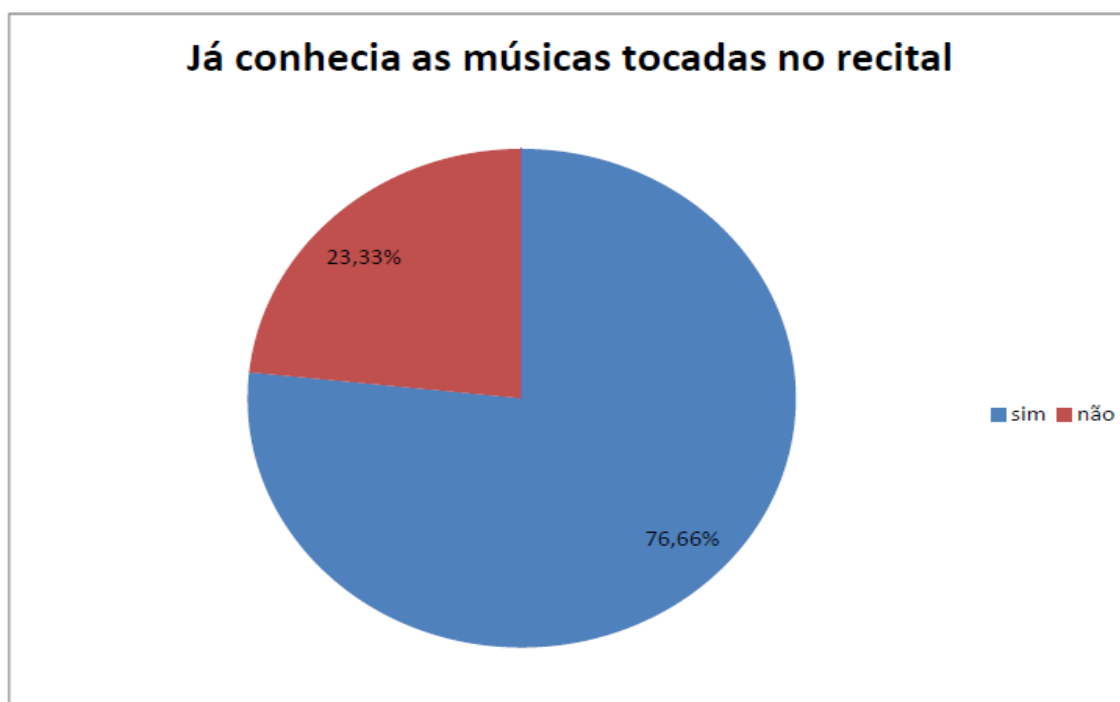


Com dois gráficos acima, fica cristalizada a receptividade dos alunos. Unâmine a qualificação dos professores em bom (20,00%) e ótimo (80,00%) neste gráfico e a própria recepção da oficina com 77,14% ótimo naquele gráfico.

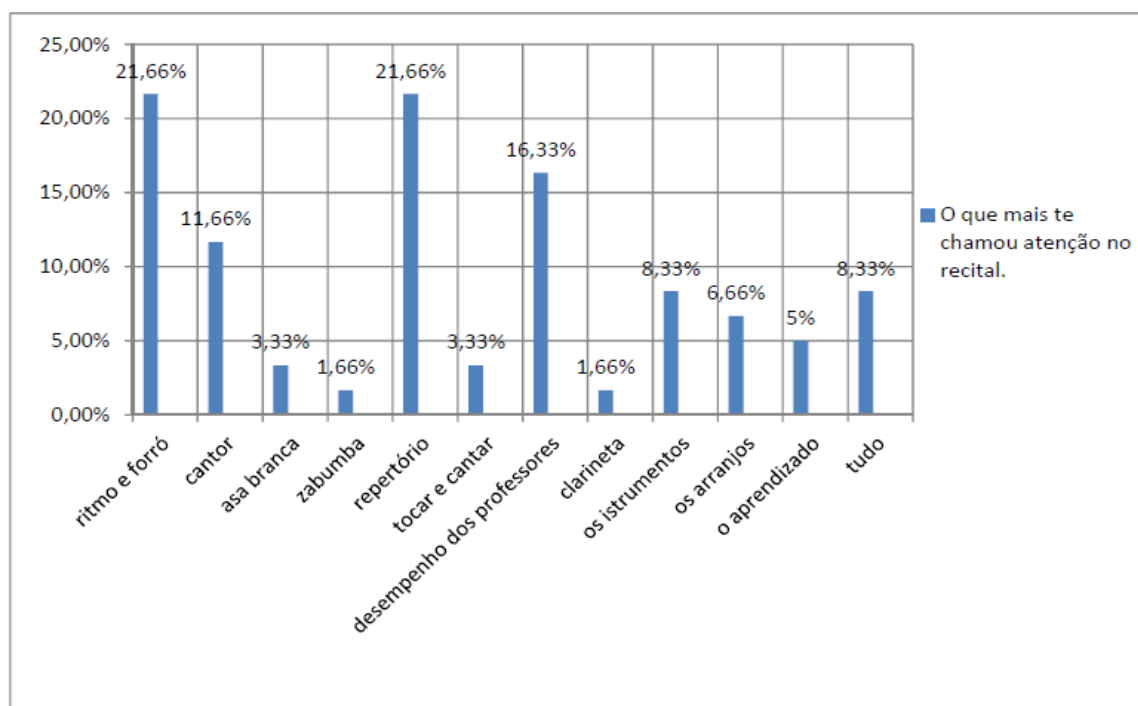
Pode-se extrair que os alunos conseguiram realizar audições ativas (AGUILAR, 2005), porque eles aprenderam como tocar, entenderam a estrutura dos ritmos básicos do forró, baião e xote. E a partir disso obtiveram seu primeiro contato real com essa cultura popular, tão pouco presente na classe média, da qual eles são parte, e tiveram então, para contento da proposta desse artigo, grande receptividade. Além de dançar, eles se concentraram em ouvir o forró, apreciar as características timbrísticas, líricas do gênero.

Análise do questionário sobre o Recital Didático

O que se pode ler da tabulação do questionário do Recital Didático é o grande interesse suscitado nos alunos pelo forró. Colhe-se que 21,66% enxergaram no forró, no ritmo e no repertório o que mais chamou a atenção. De fato, trazer um ritmo tão popular e presente no cotidiano e imaginário coletivo para dentro da escola é uma comunicação profícua entre o cotidiano e o não-cotidiano que a escola tem por missão fazer (BENEDETTI e KERR, 2008), explorar o senso comum a fim de alcançar o senso crítico.



De fato, os alunos, em maioria, (76, 66%) já conheciam o repertório, mas mesmo assim era nítida a recepção calorosa da proposta como algo novo, pois o era. Notavelmente é inovador, interessante trazer o forró como material de ensino (AMARAL, 2012) e não só um ritmo de festa, com professores entusiasmados louvando a música e cultura popular, executando clássicos para alunos de classe média que não tem contato freqüente com essa cultura regional, mas apenas pela mídia de massa por vezes; restava claro o grande interesse que eles tiveram como até mesmo se pode observar nas entrevistas (vídeo do recital, apêndice E). Esse brilho que a proposta tomou para os alunos pode ser identificado até mesmo no quanto o desempenho dos professores, o ritmo e forró, o repertório chamou atenção dos docentes, como se vê no gráfico abaixo.



Algumas conclusões das análises realizadas

Pensando no recital como produto da oficina, uma menina, em entrevista no final do recital, depôs que “pra mim forró era coisa de gente velha e chata”, “ah gente, forró não é rock, mas é bom também” (10:53 do vídeo do recital, apêndice E). Era nítido a nova percepção que os alunos tiveram do forró como algo interessante, rico.

Outros alunos em entrevista disseram:

“muitas vezes a gente não lembra das raízes, e forró é uma das melhores raízes que a gente tem no Brasil”(12:19 do vídeo do recital, apêndice E)

“agente aprende mais sobre a cultura brasileira. Fica mais sabendo dos ritmos que foram tocados que é o forró. E eu gostei muito. Além de transmitir a cultura que vem de trás, que conta a história do Brasil, ainda nos alegra, é muito bom ouvir a música, eu gosto.”(13:00 do vídeo do recital, apêndice E)

Pelos dados o que agasalha toda a recepção e interesse dos alunos foi justamente proporcioná-los uma nova escuta do forró, uma *escuta ativa* (AGUILAR, 2005). Retirou-se dos alunos o ouvinte comum, de massa, que acaba por ser vítima da *coisificação radical* (LACERDA, s/d), que apenas escuta trechos de forró em uma novela, por exemplo, ou sabe do refrão de certo clássico do forró. Proporcionaram-se ambientes de audiência crítica, direcionada, didática sobre o forró, houve oficina; os alunos conseguiram então escutar ativamente e compreender a linguagem característica do forró. Obtiveram uma relação integral com o forró, pois apreciaram, executaram, aprenderam a técnica e a literatura, compuseram, lembrando o modelo TECLA (SWANWICK, 2003), isto é, “aprenderam música musicalmente”.

O forró pode ser desmistificado como um ritmo apenas de dança. É um ritmo não só de festa e entretenimento. Deve e pode ser estudado, ser material para formação de alunos e músicos de qualidade. O recital didático e a oficina podem ser grandes instrumentos pedagógicos para esse objetivo; desmistificar o forró e transcender alunos do ensino médio de uma audição passiva e de mero entretenimento desse estilo para uma escuta ativa e contextualizada.

Considerações Finais

Este projeto teve como objetivo geral investigar a desmistificação do forró a partir da escuta ativa e contextualizada.

Levar o forró para dentro da escola e conseguir dar-lhe uma roupagem jovem, explicar seu lirismo, o carisma da dança, conhecer o público alvo e tentar dialogar o novo estilo com o que eles escutam (rearranjo); de fato, isso chamou a atenção dos alunos. Percebia-se que, além de toda euforia, brincadeira e festa que esse estilo proporcionava, os alunos passaram a admirá-lo, a respeitá-lo e entendê-lo melhor.

A dicotomia de que o forró por ser um ritmo originado na festa não é apreciado é afastada nesse trabalho. O que se intentou foi apenas trazer a o material sonoro rico desse estilo para um estudo em sala de aula, não se furtando o significado de dança, de baile que é inerente a ele. Tanto assim é que os alunos dançaram na oficina, “forró bom é sim o forró dançado”, mas propôs-se escutar ativamente o gênero além de se entreter com ele.

Os dados revelaram a metamorfose do ouvinte de forró. Antes eram alunos passivos ao conteúdo tratado, que apenas conheciam alguma coisa sobre o forró, trechos (*kitsch*) coisificados pela mídia, ou ainda que apenas se divertiam com o estilo mencionado em festas, o presente projeto conseguiu. Depois do projeto, tivemos alunos que escutaram *ativamente* o forró, que conseguiam compreender o contexto, os instrumentos característicos, a rítmica, executar, improvisar, saber da literatura, dos principais compositores, etc.

Escutar alunos dos tempos hodiernos vitimados pela indústria cultural e padrão de música pop louvando a cultura e música popular foi a melhor gratificação para o presente trabalho. Pode-se constatar que muitos alunos abriram suas mentes a respeito de um estilo sobre o qual carregavam preconceitos; uma vitória para o discente e o docente.

Sobretudo a música popular como material para formação dos alunos é um tema que merece estudo mais aprofundado, de forma a indagar qual a influência do imaginário coletivo e da tradição que o aluno já traz sobre determinado estilo para o momento da execução, se há mais facilidade, porque, se é interessante para ensinar iniciantes. Além disso, ainda outros temas podem ser investigados tais como de que forma pode-se trabalhar a música popular na educação musical, como organizar didaticamente os principais gêneros da música popular para colocá-los na grade escolar, ensinar forró para crianças no intuito de socialização, etc.

Referências

AGUILAR, Ananay. **Processos de estruturação na escuta de música eletroacústica**. Campinas/SP: Dissertação (mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, 2005.

AMARAL, renata. **Música na escola. A tradição popular brasileira na música. A música do brasil e do mundo. A música na escola**. Allucci & associados comunicações. São Paulo, 2012.

BENEDETTI, Kátia Simone; KERR, Dorotéia Machado. **O papel do conhecimento musical cotidiano na educação musical formal a partir de uma abordagem sócio-histórica**. Revista Da Abem, número 20. Setembro de 2008. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista20/revista20_artigo3.pdf

FERNANDES, Adriana. **Forró: Música E Dança “De Raiz”?** .Anais do V Congresso Latinoamericano da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular, 2004.

HENTSCHKE, Liciane; KRÜGER, Susana Ester. **Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula. Contribuições da Orquestra para o ensino de música na educação básica: relato de uma experiência. Capítulo 1**. São Paulo: Moderna, 2003.

LACERDA, bruno renato. **A escuta musical na era do advento das mídias: ideologia da recepção midiática**.

MARQUES, Alice Farias de Araújo. **Processos de aprendizagens musicais paralelos a aula de instrumento: três estudos de caso**. Dissertação de Mestrado. Brasília, UnB, 2006.

RAMALHO, Elba Braga. **Luiz Gonzaga Revisitado**. Anais do V Congresso Latinoamericano da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular, 2004.

REBELO, Samantha Cardoso. **Forró – mais definições em trânsito**. 2007. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/FORRO.pdf>. Acesso: maio de 2012.

SANDRONI, Carlos. **Feitiço Decente: o paradigma do tresillo**. O paradigma do tresilho. Rio de Janeiro: Zahar/El UFRJ, 2001.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente** / Keith Swanwick; Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

WUYTACK, Jos; PALHEIROS, Graça Boal. **Audição musical ativa**. Associação Wuytack de Pedagogia Musical, 1995.

Apêndices

Apêndice A

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO – Vivências Musicais

DADOS PESSOAIS:

1- Turma: _____

2- Sexo:

☐ Masculino

☐ Feminino

3- Idade:

_____ anos

4- Que meio de transporte você utiliza para vir para a escola:

☐ A pé

☐ ônibus

☐ transporte escolar

☐ Carro

☐ Bicicleta

☐ Outro: _____

5- Tem algum musicista em sua família?

☐ pais

☐ responsável

☐ outros _____

6- Qual a sua vivência musical?

☐ Escuta música

☐ Canta

- ☐ Assobia
- ☐ Toca algum instrumento. Qual?_____
- ☐ Compõe e/ou faz arranjos musicais
- ☐ Outra(s)._____

7- Participa de grupos musicais como:

- ☐ orquestra
- ☐ coral
- ☐ bandas
- ☐ grupos de louvores
- ☐ outros_____

8- Qual instrumento você se interessaria em aprender tocar.

9- Já participou de alguma oficina musical? Concertos? Apresentações músicas?
Quais?_____

10- Onde você costuma escutar música?

- ☐ internet
- ☐ com os amigos
- ☐ Na escola
- ☐ Igreja
- ☐ Festas
- ☐ CD, DVD
- ☐ celular
- ☐ Outros _____

11- Quando você ouve uma música em que você se atenta?

- ☐ na letra
- ☐ na música
- ☐ nos instrumentos musicais
- ☐ no ritmo
- ☐ outros: quais?_____

12- Quais estilos de música você mais escuta?

- ☐ Bolero
- ☐ chorinho
- ☐ Valsa
- ☐ Blues
- ☐ Tecnobrega
- ☐ Frevo
- ☐ Axé Music
- ☐ Bossa Nova
- ☐ Choro
- ☐ Eletrônica
- ☐ Erudita/Clássica
- ☐ Forró
- ☐ Funk
- ☐ Gospel
- ☐ Hip hop
- ☐ Jazz
- ☐ MPB
- ☐ Pagode
- ☐ Pop Internacional
- ☐ Pop Nacional
- ☐ Rap
- ☐ Reggae

- ☐ Rock Internacional
 - ☐ Rock Nacional
 - ☐ Romântica
 - ☐ Samba
 - ☐ Sertaneja
 - ☐ Outro(s)._____
- 13- Qual desses instrumentos você conhece?
- ☐ Triângulo
 - ☐ Zabumba
 - ☐ Sanfona
 - ☐ Guitarra
 - ☐ Contra baixo
 - ☐ Teclado
 - ☐ Metais (trombone, trompete, sax)
 - ☐ Agogô
 - ☐ Piano
 - ☐ Gaita
 - ☐ Bateria
 - ☐ Pandeiro
- 14- Qual desses cantores (bandas) você conhece?
- ☐ Luiz Gonzaga
 - ☐ Jackson do pandeiro
 - ☐ Dominginhos
 - ☐ Alceu Valença
 - ☐ Mastruz com leite
 - ☐ Aviões do forró
 - ☐ Calcinha preta
 - ☐ Frank Aguiar
 - ☐ Falamansa
 - ☐ Banda Uó
- 15- Conhecem alguns desses estilos, ritmos?
- ☐ baião
 - ☐ xote
 - ☐ xaxado
 - ☐ forró pé de serra
 - ☐ forró universitário
 - ☐ forró eletrônico

Apêndice B

QUESTIONÁRIO DAS AVALIAÇÕES DA OFICINA

O questionário é anônimo, sua privacidade será preservada.

***Obrigatório**

1- Sobre o conteúdo que você vivenciou na oficina, como julga a contribuição para seu aprendizado musical. *

Péssimo

Ruim
Regular
Bom
Ótimo

2- Como avalia sua participação nas etapas de improvisação durante a oficina *

Péssimo
Ruim
Regular
Bom
Ótimo

3- Quanto ao repertório, você já conhecia as músicas tocadas no recital *

Péssimo
Ruim
Regular
Bom
Ótimo

4- De forma geral, como voce avalia a oficina. *

Péssimo
Ruim
Regular
Bom
Ótimo

5- Como você avalia o desempenho dos professores durante a oficina. *

Péssimo
Ruim
Regular
Bom
Ótimo

6- Você já tinha tocado algum dos instrumentos utilizados na oficina. *

Sim
Não

Apêndice C

Questionário de avaliação do recital

Nome _____ Série _____
Idade _____ Feminino() Masculino()

1. Você já tinha participado de um recital didático antes

Sim () não ()

2. Comente o que mais lhe chamou a atenção no recital.
3. Você já conhecia as músicas tocadas no recital em outras versões (arranjos)?
Comente:
4. Como você avalia o repertório executado no recital.
5. Após o recital você se sente interessado a estudar algum instrumento musical? Qual?

Apêndice D

OFICINA MUSICAL

Local: Colégio Adonai

Turmas: 1º e 2º anos do ensino médio.

Faixa etária: 13 a 17 anos de idade.

Esta oficina tem como objetivo proporcionar a interação, apreciação e execução musical pelos alunos com as músicas que serão tocadas no recital didático, a fim de aproximar alunos e ministrantes criando uma afinidade entre ambos bem como com o estilo musical, melodias e ritmos a ser apresentado no recital.

A oficina terá o foco em atividades que envolva percussão corporal e/ou instrumental assim como prática de canto e composição (improvisação).

Serão exemplificados dois padrões rítmicos presente no forró o xote e o baião, assim como a sonoridade do Modo Nordestino (mixolídio) que caracteriza essas melodias.

- 1º momento será dedicado para a apreciação das músicas, que serão usadas no recital didático. Xote das meninas, Eu só quero um xodó, Baião, O ovo e a música Feira de Mangaio.
- 2º momento será apresentado aos alunos os instrumentos característicos do gênero musical assim como demonstração dos ritmos.
- 3º momento os alunos serão convidados a participar de forma a aprender e tocar algumas variações rítmicas do forro nos instrumentos, assim como cantar o trecho da musica Asa Branca onde está evidente o modo mixolídio que caracteriza o baião;
- 4º momento será dedicado à improvisação, onde os alunos irão interagir com os professores. Serão executados alguns ritmos, e acompanhamento harmônico, de forma que possam desenvolver e adquirir habilidades musicaisatravés do improviso.

Apêndice E

Link da oficina:

<http://www.youtube.com/watch?v=s0ICxi7zsaM&list=UU2lCZlGWDlGcYla44cWXA3Q&index=5&feature=plcp>

Link do recital:

http://www.youtube.com/watch?v=RsSlK-DTZm0&list=UUuWp0uQoZj_w_ykjm7gpQFQ&index=5&feature=plcp

Apêndice F

Material didático:

- Violão
- Contra baixo
- Triângulo,
- Zabumba,
- cd com as músicas do repertório,
- Quadro,
- Giz,
- Câmera fotográfica e filmadora
- Computador
- Aparelho de cd
- Amplificador